



## UM OLHAR SOBRE A LEITURA E A ESCRITA COMO PRÁTICAS SOCIAIS NO PIBID

Camila Roman<sup>1</sup>  
Paula Godoi Arbex<sup>2</sup>  
Patrícia Afonso Ferreira<sup>3</sup>

### RESUMO

Este relato descreve as experiências vividas por uma licencianda do curso de Letras-Português, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Desenvolvidas na Escola Estadual do Parque São Jorge, no município de Uberlândia/MG, as ações no âmbito do programa se deram nas turmas de 3º ano do Ensino Médio, no período noturno. Busco aqui compartilhar impressões e experiências vividas nesse contexto escolar. Por meio da observação das aulas de língua portuguesa, percebeu-se que os estudantes têm uma relação muito particular com as práticas propostas em sala de aula. Considerando o uso da leitura e da escrita como práticas sociais (Kleiman, 1995, 2007), pode-se perceber a importância de um currículo escolar que promova algum sentido ao aluno através das ações propostas. Entende-se, ainda, que a escrita como prática social posiciona o sujeito no mundo e o emancipa quando o pensamento ingênuo dá lugar ao pensamento crítico (Freire, 1987). Nesse contexto, tomando a escola como agência de letramento (Kleiman, 1995), observa-se a relevância de os professores levarem em consideração o contexto em que os alunos estão inseridos, pois isso possibilita uma escolha de conceitos e práticas que sejam significativos e considerem a singularidade e as possibilidades de cada aluno. O Pibid, ao oferecer ao licenciando um espaço para reflexão e aprendizagem, promove um olhar crítico acerca da realidade escolar e uma valorização do processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo a formação inicial docente.

**Palavras-chave:** Pibid, Formação Docente, Práticas Pedagógicas, Leitura e Escrita.

### INTRODUÇÃO

Ler e escrever, para além de serem habilidades técnicas, são também práticas que se situam no âmbito social (Lea e Street, 2014; Kleiman, 1995, 2007). O

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, bolsista ID do Subprojeto Letras-Português do Pibid – CAPES/UFU, [roman@ufu.br](mailto:roman@ufu.br);

<sup>2</sup> Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, coordenadora de Área do Subprojeto Letras-Português do Pibid – CAPES/UFU, [pgarbex@ufu.br](mailto:pgarbex@ufu.br);

<sup>3</sup> Professora da Rede Básica de Ensino de Minas Gerais, supervisora do Subprojeto Letras-Português do Pibid – CAPES/UFU, [patricia.afonso.ferreira@educacao.mg.gov.br](mailto:patricia.afonso.ferreira@educacao.mg.gov.br).



desenvolvimento dessas práticas é algo que preocupa não só os alunos da educação básica, como também os professores. Considerando o contexto do Ensino Médio, em que a atenção dos estudantes e da comunidade escolar está, normalmente, voltada para vestibulares e provas que têm seu foco na produção escrita de redações dissertativo-argumentativas, percebemos que, por vezes, essas práticas são reduzidas a simples habilidades técnicas. Diante deste contexto, apresentar leitura e escrita aos alunos, de forma significativa, tem se tornado um desafio aos educadores,

Podemos pensar na leitura e escrita como fundamentais na interação com o outro, pois é a partir delas que o sujeito mobiliza seus saberes de acordo com suas necessidades e interesses, possibilitando assim uma interação social capaz de responder à situação apresentada (Kleiman, 2007). Nesse sentido, entendemos que as práticas de leitura e escrita estão permeadas por relações de poder (Lea e Street, 2014), fato evidente em alguns contextos, como o da sala de aula, onde o professor de português é equivocadamente visto como aquele que detém todo o conhecimento sobre a língua, portanto, é ele quem guia o estudante na jornada do saber ler e escrever. Britto (2015) defende:

A escrita e a leitura sempre foram, e continuam sendo, instrumentos de poder e, nesse sentido, sempre estiveram, e continuam estando, articuladas aos processos sociais de produção do conhecimento e de apropriações de bens econômicos. A própria alfabetização em massa resulta muito mais das necessidades do sistema que de uma democratização social ou de uma mudança de consciência dos detentores do poder. (Britto, 2015, p. 140 - 141).

Nessa perspectiva, é fundamental que as práticas de ensino sejam capazes de atuar como agentes de emancipação dos estudantes, possibilitando uma reflexão crítica acerca de tais práticas e das ideologias de poder e repressão presentes nos contextos sociais dos quais eles participam, tendo em vista que a língua é uma forma de se colocar no mundo e leitura e escrita são parte “[...] de um processo de formação em que o sujeito se reconhece e reconhece o mundo em que está” (Britto, 2012, p. 106).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, no âmbito do subprojeto Letras - Língua Portuguesa, possibilitou acompanhar a realidade escolar de turmas do 3º ano do Ensino Médio em uma escola da rede pública na cidade de Uberlândia - MG, no período noturno. Ao longo das aulas, os alunos tiveram contato com atividades de leitura e escrita, algumas voltadas para textos literários, outras voltadas para exames de avaliação e/ou vestibulares. O objetivo do presente artigo é refletir sobre como os alunos encaram as práticas





de leitura e escrita e qual a importância de tais práticas serem significativas ao dialogarem com a realidade dos alunos.

Foram realizadas observações e regências de aulas em três turmas de 3º ano do Ensino Médio, o que possibilitou identificar as dificuldades e a participação dos alunos em relação às práticas apresentadas. Os resultados indicam que, apesar dos desafios iniciais, práticas de ensino e aprendizagem que dialogam com o contexto social dos estudantes tendem a favorecer maior participação nas aulas e contribuem para a construção de repertórios dos estudantes.

Além disso, a experiência contribuiu significativamente para a formação docente, ao possibilitar um olhar mais atento sobre os desafios e potencialidades das escolas públicas, reforçando a importância de um ensino de língua portuguesa preocupado com a emancipação dos estudantes.

## **METODOLOGIA**

Este artigo configura-se como um relato de experiências, de natureza qualitativa, baseado nas atividades realizadas no contexto do PIBID. O cenário de atuação foi a Escola Estadual do Parque São Jorge, localizada no município de Uberlândia/MG. As ações ocorreram em três turmas de 3º ano do Ensino Médio, no período noturno.

Ao longo do período letivo, trabalhamos com os alunos o projeto da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), Projeto de Leitura e Escrita, instituído em todas as escolas da rede estadual. Lançado em setembro de 2024, o projeto tem como objetivo “[...] contribuir para a formação de leitores proficientes, reconhecendo que o domínio dessas habilidades é essencial para melhorar os indicadores de desempenho e impulsionar o processo de ensino e aprendizagem” (Minas Gerais, 2024), e propõe uma aula semanal voltada para práticas de leitura e escrita. O projeto parte da ideia de que a leitura e a escrita são direitos fundamentais e práticas sociais que atravessam todas as áreas do conhecimento. Por isso, sugere uma abordagem interdisciplinar e colaborativa, envolvendo toda a comunidade escolar.

Durante as aulas, a professora regente da turma, supervisora do subprojeto PIBID Letras - Português, trabalhou com diversos livros, que transitam por diferentes gêneros. Entre eles *Elas por elas*, livro organizado por Rosa Amanda Strausz, que reúne textos de grandes





escritoras brasileiras; *Histórias de Tirar o Sono*, coletânea de contos de terror e suspense, adaptado e organizado por Regina Drummond e Taciana Ottowitz; *Estrelas Tortas*, livro de Walcyr Carrasco, grande nome da teledramaturgia brasileira e *Inutilidade Poética*, que nos apresenta poemas escritos por Fernanda Tavares e Rene Serafim.

Já as práticas de escrita, além de se relacionarem com os livros citados, também abordaram conteúdos voltados para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e o Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB.

A partir da observação e regências das aulas, buscamos analisar como os alunos do ensino médio se relacionam com as práticas de leitura e escrita propostas ao longo do período letivo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Consideramos que a escrita, além de ser uma habilidade técnica, é também uma cultura (Kleiman, 1995; Silva, Botelho E Oliveira, 2021). Assim, há fatores sociais que influenciam no seu desenvolvimento, por isso, a produção escrita só pode se realizar num contexto de experiências que proporcionem algum sentido ao aluno (Kleiman, 2007) que utiliza tal prática.

A ideia de que a escrita está associada a contextos sociais e de que seu fazer pleno depende não só de estruturas e regras de um dado gênero textual, mas também de uma compreensão de valores políticos e ideológicos, serviu de base para a teoria dos Novos Estudos do Letramento, em inglês, *New Literacy Studies* (Street, 1984; Lea e Street, 2014). O antropólogo Brian Street, um nome importante nos estudos do tema, defende que os letramentos são múltiplos e funcionam juntos, abordando questões que envolvem processos sociais, históricos e culturais. Street afirma que “as particularidades das práticas de leitura e escrita, que são ensinadas em qualquer contexto, dependem dos aspectos da estrutura social e do papel das instituições de ensino” (Street, 1984, p. 8).

Angela Kleiman, importante investigadora dos Novos Estudos do Letramento no cenário nacional, defende que o letramento, antes considerado como um sinônimo de alfabetização, se desenha como “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 19), sendo parte importante no processo de construção de





uma identidade ao inserir o sujeito em práticas reais de uso da linguagem. Nesse contexto, a autora pontua que os estudos de letramento se mostram promissores no sentido de dar luz à novas práticas de ensino e aprendizagem, auxiliando na criação de programas e projetos que reconheçam processos de construção de leitura e escrita além da esfera escolar, e sejam capazes de promover um significado real na vida dos alunos.

A partir da observação e regência de aulas possibilitadas pelo PIBID, percebeu-se um provável desinteresse dos alunos em relação às práticas de leitura e escrita desenvolvidas em sala de aula. Isso se deve, possivelmente, ao fato de que o currículo trabalhado em sala de aula não se relaciona com a realidade dos estudantes e, por vezes, tem um foco muito predominante em exames avaliativos e vestibulares, o que acaba por silenciar a voz dos estudantes ao desconsiderar o contexto social e cultural no qual eles estão inseridos, provocando assim, a necessidade de se repensar práticas de ensino aprendizagem (Péres, 2018). Também observou-se uma inquietação nesses alunos ao pensarem nesse momento de transição para a vida adulta, no qual é esperado que sejam capazes de se colocar no mundo como protagonistas de suas próprias histórias. Assumindo, então, o papel de agentes de letramento (Kleiman, 2007), é necessário que os professores atuem como mobilizadores de conhecimentos, recursos e estratégias, propondo práticas que atendam a esse desafio real e valorizem o protagonismo dos estudantes.

Podemos dizer que a escrita como prática social posiciona o sujeito no mundo e o emancipa quando o pensamento ingênuo dá lugar ao pensamento crítico (Freire, 1987). Ao elaborar sua teoria sobre uma pedagogia crítica, Freire (2011) defende que a compreensão da escrita é precedida pelo “aprender” o mundo, ou seja, antes de dominar as práticas de escrita, já carregamos um repertório construído no nosso contato com o mundo. Esse processo de emancipação se dá na relação do sujeito com o mundo, ainda segundo Freire. Em suas palavras:

O mundo, enquanto “outro” de mim, possibilita que eu me constitua como “eu” em relação a “você”. A transformação da realidade objetiva (o que eu chamo de “escrita” da realidade) representa exatamente o ponto a partir do qual o animal que se tornou humano começou a “escrever” história (Freire, 2011, p. 83).







Aqui, supomos que essa constituição do “eu” é a identidade do sujeito. Palmeira (2004), ao citar Moita Lopes (2002), discorre que essa construção de quem somos é concebida por meio de práticas de letramento que possam envolver a comunicação humana.

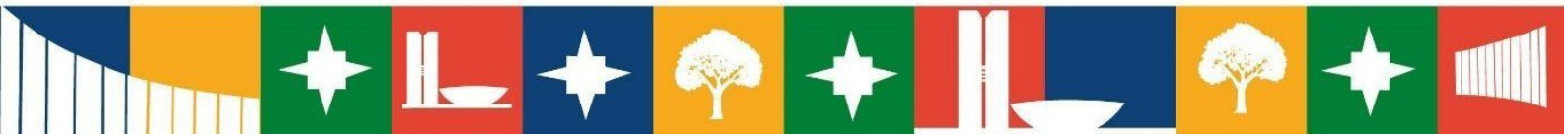
Por fim, partindo do referencial teórico apresentado, o presente relato tem como objetivo compartilhar impressões e experiências vividas por uma licencianda do curso de Letras-Português, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no âmbito do PIBID, ao observar como os estudantes encaram as práticas de leitura e escrita propostas na sala de aula.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das práticas de leitura e escrita trabalhadas por meio do subprojeto PIBID Letras - Português, foi possível identificar que os estudantes, de forma geral, demonstraram pouco envolvimento nas atividades apresentadas. No que diz respeito às práticas de leitura, muitos alunos viam a leitura como algo sem importância ou desnecessário para sua vida fora do âmbito escolar, por não terem contato com tal prática para além da sala de aula. Consideravam os textos apresentados sempre “muito grandes” ou “muito difíceis”, e apresentavam dificuldades de leitura e interpretação.

Já no campo da escrita, os estudantes demonstraram muita dificuldade. As propostas de escrita, voltadas para textos literários ou exames de desempenho, foram recebidas com certa insatisfação e desinteresse. Muitos alunos não possuíam repertório suficiente para a construção dos textos ou não conseguiam transportar o repertório trabalhado para a folha em branco. Percebeu-se também muita dificuldade com questões relacionadas ao uso da gramática normativa. Devido ao pouco tempo de duração das aulas, as propostas de escrita quase sempre eram desenvolvidas pelos estudantes em casa, o que dificultava a construção de textos autorais.

Mesmo ao apresentar propostas de leitura e escrita que dialogassem com a realidade dos alunos, ainda assim, havia desinteresse por parte de alguns estudantes, o que demonstra a importância de se trabalhar com práticas significativas ao longo de todo período escolar, não somente em atividades pontuais, pois a construção dessas práticas promove a autonomia dos alunos, fazendo com que eles sejam capazes de apropriar-se de suas histórias e desenvolvam um olhar mais crítico para suas realidades.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do subprojeto PIBID Letras - Português com alunos do 3º ano do Ensino Médio noturno possibilitou compreender de forma mais aprofundada a relação dos alunos com as práticas de leitura e escrita no contexto escolar. Observou-se que as práticas ganharam sentido à medida que se aproximaram dos repertórios socioculturais dos estudantes, demonstrando a importância de um ensino que considere a leitura e a escrita como práticas sociais.

Do ponto de vista da formação docente proposta pelo PIBID, a experiência se mostrou fundamental para o desenvolvimento de uma postura mais crítica e reflexiva, permitindo, junto a outras ações, que os professores em formação sejam capazes de repensar suas concepções sobre ensino de língua portuguesa e sobre o papel social da escola.

Fica claro que as práticas de leitura e escrita, além de serem fundamentais para a formação escolar dos estudantes, contribuem para sua autonomia como sujeitos capazes de se colocar no mundo com pensamento crítico.

Por fim, a experiência apresentada nos faz pensar sobre a importância da construção de um currículo escolar que seja significativo aos alunos, a fim de promover uma educação pública crítica e emancipadora. Além disso, o estudo abre portas para investigações futuras acerca das práticas de leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso**. 1ª ed. São Paulo: Pulo do gato, 2015.

\_\_\_\_\_. Em terras de surdos mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: **O texto na sala de aula**. Geraldi, João Wanderley (org). São Paulo: Anglo, 2012.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo: tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.





KLEIMAN, Angela (Org.). **Os Significados do Letramento: uma** nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, I. (Orgs.) **O ensino e a formação do professor**. Alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2000. 248 p. p. 223-243.

\_\_\_\_\_. Letramento e suas Implicações para o Ensino de Língua Materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução: Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/79407> . Acesso em: 11 out. 2025.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto de Leitura e Escrita 2024**: Documento Orientador. Belo Horizonte: SEE/MG, 2024.

PALMEIRA, Mirna Cristina de Andrade. Histórias de letramento: questões identitárias. In: **VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, 7., 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ALAB, 2004.

PÉRES, Rita de Cássia. **Ensino-aprendizagem da escrita subsidiado por um projeto de letramento**: a crônica e a construção de um projeto de dizer em uma turma de 8º ano de uma escola pública de Florianópolis. 2018. 211 f. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198793>. Acesso em: 11 out. 2025.

SILVA, M. C. DA .; BOTELHO, L. S.; OLIVEIRA, M. DE C. C. A produção de resumos academicos na Universidade: percepções de modelos de ensino-aprendizagem na perspectiva dos letramentos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 2, p. 580–594, maio 2021.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press; 1984. 256 p.

